

A Análise do Caráter - Wilhelm Reich

Valéria Quadros¹

Ao receber o convite para inaugurar a seção “Lendo Clássicos Psicanalíticos”, fui provocada a pensar quais trabalhos eu consideraria *clássicos* e, ao mesmo tempo, raramente mencionados. Sabemos da importância fundamental de ler e reler esses textos, como tão bem destaca Italo Calvino. Então, que critérios estabelecer para essa escolha? Quais aqueles que, não fazendo parte da bibliografia usual de nossos seminários, poderiam ser apresentados e destacados?

Preferi encaminhar à Comissão do Departamento de Biblioteca e Publicações, uma pequena lista com sugestões e recebi como escolha o trabalho de Wilhelm Reich “A Análise do Caráter”, de 1933. Mais do que um texto, trata-se de um livro. Uma compilação de trabalhos fundamentais que abordam técnica e clínica psicanalíticas. Mas não apenas.

Escrever sobre uma obra requer contextualizá-la, o que também inclui as circunstâncias históricas e pessoais do autor. Meu conhecimento da pessoa de Wilhelm Reich, descobri agora, era limitado. Li “Análise do Caráter” na década de 1980 e, desde então, permaneceu para mim como uma referência.

No “Dicionário de Psicanálise”, os autores consideram Reich como o “maior dissidente da segunda geração freudiana” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 650).

Ousadia. Loucura. Banimento. Esquecimento.

Em minha pesquisa encontrei que relevantes autores, em algum momento de suas obras, ocuparam-se com as ideias de Reich. Entre eles estão Foucault (1988), Deleuze e Guattari (1972), Marcuse (1955) e Lacan (1966). Reconhecem sua importância e também apresentam críticas. Horacio Etchegoyen estuda suas con-

¹ Psicanalista, membro pleno do CEPdePA.

tribuições técnicas no livro “Fundamentos da Técnica Psicanalítica”, afirmando:

O que para o Freud dos escritos técnicos era superfície psíquica e mais tarde será o ego, para Reich é caráter, não somente ego, mas as *formas operativas do ego* que configuram o caráter. [...] Esse é um elemento fundamental, que não está formalmente em Freud, nem sequer em Ferenczi, Abraham e Jones, que fizeram uma teoria do caráter, mas não uma teoria da *defesa* caracterológica. Isso cabe a Reich. (ETCHEGOYEN, 1987, p. 221, grifo do autor).

Wilhelm Reich tem uma extensa produção, abarcando o período de 1920 até 1957, ano de sua morte. Seus trabalhos tratam da técnica e da clínica psicanalítica, mas também de outras áreas de sua investigação, como relatarei a seguir. Embora sua grande contribuição para a Psicanálise esteja contida no livro de 1933, “A Análise do Caráter”, um ano após sua publicação foi desligado da Associação Psicanalítica Internacional. Gradativamente seu pensamento foi se distanciando das proposições freudianas.

Reich foi ainda um militante político, criador do freudo-marxismo, e profundamente envolvido com as questões sociais de seu tempo. Em recente palestra em Porto Alegre (2016), ao referir a inter-relação estrutura psíquica e estrutura social para abordar o tema da arrogância, Joel Birman citou Reich como o primeiro a fazer essa articulação na Psicanálise. Destacando o caráter, mais do que o sintoma, abordou diferentes formas de subjetivação e assim Reich pode ser inscrito na “modernidade avançada”. Birman mencionou dois de seus livros: “Psicologia de massas do fascismo” (1933) e “Escuta, Zé Ninguém” (1946).

NOTAS BIOGRÁFICAS

Wilhelm Reich nasceu no ano de 1897, em Dobrianychi, na Galícia, província do antigo Império Austro-Húngaro (atualmente cidade da Ucrânia). Filho de Léon e Cäecylie Reich, é o primeiro de três filhos, sendo que uma irmã morreu pouco depois de nascida. Seu irmão Robert, três anos mais moço, faleceu aos 26

anos em decorrência de uma pneumonia. Wilhelm pouco falava sobre esse irmão, chegando a ser desconhecido por amigos. Eram judeus assimilados e os jovens foram educados longe de qualquer tradição religiosa. O pai possuía uma rentável propriedade agrícola. Pouco depois de seu nascimento mudaram-se para Jujinetz, Bukovine (Ucrânia). Wilhelm estudou com preceptores antes de frequentar escola. Foi então que sua mãe envolveu-se amorosamente com um destes preceptores, fato que foi comunicado ao pai pelo próprio filho. A mãe se suicidou logo depois, quando ele estava com 14 anos. O pai morreu três anos após, de pneumonia. Wilhelm assumiu a direção da fazenda, mas logo ingressou no exército quando da eclosão da Primeira Guerra, alcançando o posto de tenente. Na mesma ocasião, em decorrência da guerra, perdeu todos os bens familiares. Foi para Viena onde iniciou o curso de Direito, abandonando-o em seguida e ingressando em 1918 na Medicina. Os estudos de sexologia despertaram seu interesse e, na Universidade, passou a frequentar um seminário com este tema. Meses depois tornou-se presidente do seminário (WIKIPEDIA, 2016, documento on-line).

Ao tomar conhecimento da obra de Freud, decidiu introduzi-la nos estudos de seu grupo. Foi recebido por ele no final de 1919. Na edição de 1942 do livro “A função do orgasmo”, Reich descreve esse primeiro encontro e comenta sua relação com o criador da psicanálise:

Como presidente do seminário estudantil de sexologia, era meu trabalho conseguir leituras. [...] A personalidade de Freud causou a maior, a mais forte e mais duradoura impressão. [...] Freud era diferente. Enquanto os outros desempenhavam um papel qualquer [referia-se a outros estudiosos da sexualidade, entre eles Adler, a quem também visitou] – o do professor, o do grande conhecedor do caráter humano, o do cientista eminente –, Freud não se dava ares de importante. Falou comigo como uma pessoa absolutamente comum. Tinha um olhar vivo e inteligente, que não procurava penetrar o olhar do interlocutor com qualquer espécie de pose, mas olhando simplesmente o mundo de uma forma honesta e franca. Perguntou a respeito do nosso trabalho no seminário e achou-o muito sensato. Estávamos

certos, disse. [...] Ele se sentiria simplesmente muito feliz em conseguir-nos uma bibliografia. Ajoelhou-se junto da estante e escolheu animadamente alguns livros e folhetos. Eram edições especiais de *The Vicissitudes of Instincts*, *The Unconscious*, uma cópia de *The Interpretation of Dreams*, uma cópia de *The Psychopathology of Everyday Life*, etc. Freud falava rápida, viva e objetivamente. [...] Havia um traço de ironia em tudo o que dizia. Eu estava apreensivo antes de ir à sua casa, e agora saía alegre e feliz. A partir desse dia, gastei catorze anos de trabalho intensivo *na e para* a psicanálise. No fim, desapontei-me seriamente com Freud. Felizmente, esse desapontamento não levou ao ódio ou à repulsa. Muito pelo contrário: posso hoje apreciar a realização freudiana de maneira muito melhor e mais profunda do que poderia naqueles dias de entusiasmo jovem. Sinto-me feliz por haver sido seu discípulo por tanto tempo, sem o haver criticado prematuramente, e com absoluta devoção à sua causa (REICH, 1978, p. 39-40).

No ano seguinte, 1920, Reich já frequentava as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, ocasião em que apresenta sua primeira comunicação como candidato: “O conflito da libido e a ilusão de Peer Gynt”, baseado na peça de Ibsen. Tornou-se membro honorário em outubro desse mesmo ano. Diz: “Eu era o único médico jovem entre ‘adultos’, a maioria dos quais era dez ou vinte anos mais velha que eu” (REICH, 1978, p. 49). Estava com 23 anos de idade. A propósito, Paul Roazen (1978, p. 556) escreve: “Reich parecia excessivamente seguro de si; de qualquer forma, Freud não tolerava sua arrogância. Em uma das reuniões privadas, ele disse a Reich: ‘Você é o mais novo de todos, quer fechar a porta?’”. Porém Freud lhe encaminha pacientes, e Reich dá início a sua clínica como psicanalista.

Ainda em 1920 surge sua primeira publicação: “Sobre um caso de transgressão da proibição do incesto na puberdade”, no *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*. Seus escritos iniciais buscam unir seu interesse na sexologia e na psicanálise. Em 1921 publica, na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, “Sonhos diurnos

da infância numa neurose obsessiva ulterior” (GARCIA, 1971, p. 12 e 63). Em sua vida privada esse é o ano de seu casamento com Annie Pink, colega da Medicina. Conhecida como Annie Reich, também se tornou psicanalista e manteve-se ligada à IPA. O casal terá duas filhas: Eva (1924) e Lore (1926).

No ano de 1922, quando concluiu o curso de Medicina, foi criada a Clínica de Psicanálise de Viena, onde Reich irá trabalhar durante oito anos; nos primeiros seis como primeiro assistente clínico e nos últimos como vice-diretor. Nesse local, a partir de seu contato com a classe trabalhadora, passou a se interessar pelas obras de Marx e Engels para tentar mostrar a origem social das doenças mentais. É nesse mesmo ano que provavelmente é analisado por Paul Federn (ROAZEN, 1978). Há outra referência de que seu primeiro analista tenha sido Isidor Sadger. Em 1930 inicia análise com Sandor Rado, em Berlim, interrompida pela mudança deste para os Estados Unidos. Suas análises sempre tiveram esse desfecho, é o que escreve Ilse Ollendorff Reich (1969), sua terceira mulher na biografia de Wilhelm Reich. Conta ainda que ele lamentava o fato de Freud não o ter aceitado como analisando.

Em parte como decorrência do Congresso de Psicanálise em Berlim/1922, Reich propôs, para jovens colegas que ainda não eram membros da IPA, a criação de um “seminário sobre a técnica”. Pediu a opinião de Freud, que foi favorável. A presidência esteve inicialmente com Eduard Hitschmann, sendo assumida por Reich a partir de 1924 até 1930: “O seminário de Viena produziu a geração de jovens analistas vienenses que tomaram parte no primeiro desenvolvimento da análise do caráter” (REICH, 1978, p. 61).

Por outro lado, Elizabeth Danto (2005) conta que a ideia do Seminário Técnico de Terapia Psicanalítica primeiramente surgiu: “[...] quando Freud sugeriu que seu brilhante pupilo Wilhelm Reich tomasse a providência de sistematizar a supervisão clínica no Ambulatório” (DANTO, 2005, p. 100, tradução nossa). Em contraste com os encontros científicos na Sociedade, os da Clínica eram menos teóricos, dirigidos a analistas inexperientes. Estavam focados nos tratamentos analíticos, nas dificuldades clínicas e nos fracassos. Eventualmente os seminários eram visitados por colegas como Federn e Ferenczi.

Em 1925 escreveu seu primeiro trabalho sobre caráter, “O Caráter Impulsivo”, resultado de sua experiência na Clínica com pacientes psicopatas. Em carta

a Ferenczi diz que seu estudo estava em conexão com “O Eu e o Isso”, publicado pouco antes: “[...] as curas verdadeiras e definitivas só podemos alcançar se consegue-se modificar o caráter neurótico que é a subestrutura da sintomatologia” (GARCÍA, 1971, p. 19).

A partir de então, e até 1933, Reich publicou vários trabalhos em que a temática é a teoria do caráter, incluindo a análise das resistências como objetivo fundamental da terapêutica psicanalítica. Em 1925: *O Caráter Impulsivo*. Verlag, Viena; 1927: *A técnica de interpretação e a análise das resistências*. IZP (*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*); 1928: *Sobre a análise do caráter*. IZP, apresentado no Congresso Internacional de Innsbruck no ano anterior; 1929: *O caráter genital e o caráter neurótico*; 1930: *As fobias infantis e a formação do caráter*; 1932: *O caráter masoquista. Refutação por parte da economia sexual do instinto de morte e da compulsão à repetição*; 1933: *Análise do Caráter*. Com exceção do trabalho de 1925, todos os demais foram incluídos no livro “Análise do Caráter”, em 1933. Alguns artigos foram revisados e outros ampliados.

Simultâneo a este período e até o final de sua vida, Reich escreveu e publicou trabalhos que se inscrevem em outro eixo temático, embora para ele, pelo menos até 1934, estivessem unidos: a sexologia e a psicanálise. A “teoria do orgasmo” implica a ideia de que a neurose é a expressão de um transtorno da genitalidade, e não apenas da sexualidade em geral, e que a satisfação orgástica no ato sexual pode proteger da neurose. Seu livro “A função do Orgasmo. Contribuição à psicopatologia e à sociologia da vida sexual”, publicado em 1927 e dedicado a Freud, teve aprovação deste com reservas. Foi reeditado com muitas modificações em 1942, inclusive acrescido de passagens autobiográficas.

A par desses interesses, Reich voltou-se para as questões sociais, aderindo às ideias marxistas. Em 1929 abriu a primeira clínica da Sociedade Socialista para Consulta Sexual e Pesquisa Sexológica, na companhia de quatro analistas e três obstetras. Foram clínicas de consulta sexual para empregados e trabalhadores, promovendo ajuda médica e educativa. Com isso, desenvolveu a linha temática do freudo-marxismo. Estava então envolvido numa atividade pública político-psicossexológica. Em um trabalho de 1930 expôs sua crítica à instituição

matrimonial e familiar, o que incluía a monogamia, a educação das crianças e o cerceamento sexual dos jovens.

No meio psicanalítico crescia o descontentamento com as ideias e condutas de Reich. Ele não aceitara o conceito de pulsão de morte e criticou os colegas de estarem se afastando da teoria da libido: “[...] a sexualidade tornou-se algo indistinto; o conceito de ‘libido’ foi despido de todos os traços de conteúdo sexual e transformou-se em uma figura de retórica” (REICH, 1978, p. 113). O rompimento aproximava-se.

Assim descreveu seu último encontro privado com Freud:

A última vez que o vi foi em setembro de 1930, antes de ir para Berlim. O visitei em Grundlsee e tive com ele uma discussão muito purulenta. Ele estava realmente acalorado e eu também estava [...] sabíamos que íamos romper. Estávamos tratando de algo decisivo sobre o que divergiam nossas opiniões. No meu parecer, a família tinha que ser superada [...] eu disse que tinha que distinguir a família natural, que está baseada no amor, da família coercitiva. Disse que devia ser feito qualquer coisa para prevenir as neuroses e ele respondeu: ‘Seu ponto de vista não está no caminho da psicanálise (GARCÍA, p. 34-35, tradução nossa.)’

Para Roudinesco (2016, p. 161, 265, 386, 403), Reich foi o discípulo mais interessante e fecundo entre aqueles que causaram polêmica no movimento psicanalítico. Freud o queria longe em função de suas ideias políticas. No entanto, contrariando Jones, Reich opunha-se a toda forma de colaboração com o nazismo, reivindicando a dissolução da DGP². Sabemos que essa Sociedade, a partir de 1933, submeteu-se às exigências nazistas de expulsar todos seus membros judeus.

Reich participou por breve período da Sociedade Psicanalítica de Berlim, onde dirigiu seminários teóricos, porém mediante condições. Max Eitingon pediu a Reich que não recebesse jovens analistas nessa atividade, alegando suas di-

2 DGP - Sociedade Psicanalítica Alemã.

vergências com Freud sobre a pulsão de morte. Em 1932 Reich publicou seu trabalho sobre o caráter masoquista onde formalmente refuta esse conceito. Durante esse tempo o casamento com Annie se desfez. Reich foi convidado por psicanalistas dinamarqueses a exercer atividades de ensino naquele país, o que foi afinal aceito por Eitingon. Esse é o ano de 1933, ano em que Hitler assume o poder. Na ocasião Reich estava casado com Elsa Lindenberg. Da Dinamarca foi para a Suécia.

Em 1934 no Congresso da IPA em Lucerna, Reich foi comunicado de sua exclusão, sendo autorizado a apresentar seu trabalho “Contato psíquico e corrente vegetativa”, apenas como membro convidado. No Prólogo à segunda edição de “A Análise do Caráter”, datada de 1945, refere que esse trabalho marca a transição entre a psicologia profunda de Freud e a biologia, e mais tarde a biofísica orgônica (REICH, 2010, p. 16). Comenta sua expulsão da IPA e responsabiliza os psicanalistas por se afastarem da economia sexual. Ele não vê incompatibilidade na sua forma de pensar, pois diz que “As ‘psiconeuroses’ de Freud, estudadas mediante um método psicológico, encontram seu correlato orgânico nas ‘biopatias’, estudadas mediante um método orgânico-físico” (REICH, 2010, p. 16).

Ainda em 1934, na primavera, Reich aceitou convite para seguir seu trabalho no Instituto Psicológico da Universidade de Oslo, Noruega, onde permaneceu por cinco anos. É nesse período que parecem se estruturar as ideias que foram consideradas delirantes: as questões da Orgonoterapia (GARCIA, 1971, p. 53). À medida que foi dedicando-se à “investigação biofísica”, se afasta de seus posicionamentos políticos. Em 1939, convidado a dar aulas na New School for Social Research de Nova Iorque, mudou-se para os Estados Unidos. Lá conheceu Ilse Ollendorff, de início sua secretária e posteriormente sua esposa. O casal teve um filho, Peter, nascido em 1944. No ano de 1941 entrevistou-se com Einstein, na tentativa de convencê-lo de seus descobrimentos: já havia construído o “acumulador orgônico”, uma espécie de caixa onde a pessoa receberia energia orgônica, capaz de curar doenças e promover vitalização orgástica. Einstein mostrou interesse, porém logo se retirou.

Residindo em Nova Iorque, Reich encontrou e adquiriu uma propriedade no Maine (1942), onde estabeleceu um centro para o estudo do orgônio.

Os processos contra Reich nos Estados Unidos se iniciaram com o FBI, que em 1941 o enviou para a prisão na Ilha Ellis, onde permaneceu por cerca de um mês. Foi alegada identidade trocada, pois queriam prender um livreiro comunista com o mesmo nome. Em 1947 iniciaram-se as investigações do Federal Food and Drug Administration (FDA), acusando-o de comercializar seus “acumuladores de orgônio”. Nesse mesmo ano, uma jornalista freelancer publicara no *New Republic Magazine* a reportagem “*The Strange case of Wilhelm Reich*”. Na matéria, ela falsamente noticiava que Reich afirmara poder curar impotência sexual e câncer com seu “acumulador”. A *Harper’s Magazine* anunciou Reich como o líder de um novo culto de sexo e anarquia, relacionando-o com escritores como Henry Miller e com as pesquisas de Alfred Kinsey. A própria Associação Médica Americana pressionava o FDA a processar Reich. Eram os anos do pós-guerra, início da chamada Guerra Fria e vigência do macarthismo (1950-56). Em 1956, durante um segundo processo, seus acumuladores foram destruídos e seus livros queimados. Os Estados Unidos, ou parte dele, parecia identificar-se com os “queimadores de livros” que eles haviam combatido na última guerra. Sobre esse episódio assim se refere a Enciclopédia Britânica, no verbete sobre Reich:

De 1956 a 1960 muitos de seus escritos e seu equipamento foram apreendidos e destruídos pelos oficiais do FDA. No século 21 alguns consideram essa destruição em massa como um dos mais ruidosos exemplos da censura na história dos US (WIKIPEDIA, 2016, documento on-line).

Após julgamento, Reich foi preso e condenado a dois anos. Poucos meses depois vem a morrer de um ataque cardíaco, na penitenciária de segurança máxima de Lewisburg, na Pensilvânia (WIKIPEDIA, 2016).

ANÁLISE DO CARÁTER

O livro foi primeiramente publicado em 1933, pela Selbstverlage des Verfassers. Nas duas edições seguintes foram acrescentados outros trabalhos, inclusive textos referentes à investigação de Reich a respeito do “orgone”. No Prólogo à

segunda edição (1945) o autor escreve que a análise do caráter evoluiu até converter-se na orgonoterapia, relativa à descoberta da “função do orgasmo”. Mas ressalta que esta análise segue pertencendo ao sistema de psicanálise freudiano e em vigor.

Seu conteúdo está apresentado em três partes: “Técnica”, “Teoria da Formação do Caráter” e “Da Psicanálise à Biofísica Orgônica”. Com exceção desta última, os demais trabalhos tomam como referência a Psicanálise. Penso que a importância desta obra, destacada por muitos psicanalistas e, em parte, também por Freud, centra-se na ênfase dada por Reich à análise do caráter e das defesas do ego.

O momento histórico em que Reich aproxima-se da psicanálise – década de 1920 – é marcado por discussões a respeito da técnica. Em 1918 Freud apresentara no Congresso de Budapeste o trabalho “Linhas de Progresso da Terapia Psicanalítica”, discutindo modificações na técnica, em parte mobilizadas por Sandor Ferenczi e sua “técnica ativa”. Em 1919 Karl Abraham escreve “Uma forma particular de resistência neurótica contra o método psicanalítico”, onde aborda a resistência narcisista de alguns pacientes à regra da associação livre; a resistência pode se ocultar através de uma aparente boa vontade, assim como podem mostrar-se arrogantes e invejosos do analista. Recomenda a análise do narcisismo. Nos anos seguintes Ferenczi continuará publicando trabalhos sobre modificações técnicas, referindo em especial a análise do caráter, caráter esse que ele nomeia como uma “muralha” (FERENCZI, 1921, p. 121).

Na obra freudiana são poucas as referências ao caráter, embora presentes desde 1905 a 1937. Com relação à técnica, destaco sua introdução ao trabalho de 1916, “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, quando comenta o imediato interesse do “médico” para os sintomas do paciente. Porém, ele agrega, logo surgem as resistências, que são consideradas parte do caráter. “Isso passa a adquirir a prioridade de seu interesse” (FREUD, 1916, p. 351). Ou seja, Freud define caráter, entende que sua análise é mais difícil do que a análise do sintoma, refere as resistências, porém não postula uma técnica para a análise do caráter, nem mesmo para a análise das defesas do ego.

Em 1927, no Congresso da IPA em Innsbruck, Reich apresenta seu primeiro trabalho sobre a análise do caráter, incluído posteriormente na publicação

de 1933. O texto contém já todos os aspectos fundamentais de sua abordagem clínica. Na ocasião, destacou a análise da transferência negativa e das resistências latentes, dizendo que no início de uma análise não há transferência positiva, e sim cordialidade, que encobre a desconfiança e a crítica. Atribui ao narcisismo do analista não perceber a transferência negativa latente e crer que se o paciente traz material, tudo segue bem.

Na concepção de Freud a transferência negativa só poderia ser passível de análise quando manifestada diretamente, ideia que seguirá sustentando até seu último trabalho sobre a técnica, em 1937. Por outro lado, Klein em maio de 1927, em seu trabalho “Simpósio sobre a análise infantil”, destaca a importância da transferência negativa, a par da positiva, o que vai nortear sua técnica até o final. Nota-se, porém, que ela não faz referência às recomendações de Reich em nenhum momento de sua obra. Herbert Rosenfeld, já na década de 1980, abordando o narcisismo destrutivo e a pulsão de morte, refere Abraham e Reich, dois autores que não consideraram a segunda teoria pulsional de Freud, porém muito contribuíram à análise do narcisismo e da transferência negativa oculta.

Os questionamentos de Reich sobre a prática analítica surgiram a partir de seu trabalho na Clínica de Viena, através do atendimento de pacientes com caráter impulsivo, que ele também denominou psicopatas. Era necessário penetrar na estrutura do ego. O Seminário Clínico foi outra fonte de estudo. Reich indagava por que os analistas fracassavam. Às justificativas como “o paciente não quer melhorar”, “é inacessível”, ele contrapunha os erros técnicos do analista. Na discussão de casos, postulava que a situação técnica precisa derivar de cada situação analítica respectiva, pela via de uma análise exata de seus pormenores.

Dando continuidade às investigações sobre o caráter (FREUD, 1905, 1909, 1913, 1916, 1923, 1937; ABRAHAM 1919, 1921, 1925; FERENCZI, 1921, 1924, 1928, 1930), Reich destaca que o sintoma neurótico se experimenta como um corpo estranho e cria a sensação de estar doente. Já o traço neurótico de caráter está incorporado à personalidade. O caráter pode ser racionalizado para que não pareça sem sentido ou patológico. Costuma-se dizer que a pessoa “é assim”. A totalidade dos traços neuróticos de caráter se faz sentir como um mecanismo de defesa compacto. A essa defesa Reich dá o nome de *couraçamento caracterológico*.

Serve a uma finalidade econômica definida: proteção contra os estímulos que vêm do exterior, e também como defesa contra os impulsos libidinais internos. Pode desempenhar essa tarefa porque as energias libidinais e sádicas se consomem nas formações reativas neuróticas, nas compensações e em outras atitudes neuróticas (REICH, 1933, p. 68).

A resistência caracterológica não advém do conteúdo do material do paciente, mas da maneira específica de agir e reagir. Difere de caráter para caráter, ainda que o conteúdo possa ser o mesmo: histérico, impulsivo, etc. A forma está determinada pelas experiências infantis, tal como está o conteúdo dos sintomas e das fantasias. A aparição do caráter como resistência revela sua origem infantil; é tanto uma defesa como uma transferência das relações infantis com o mundo exterior.

A resistência caracterológica precisa ser “atravessada” (REICH, 1933, p. 94), o que determina um maior sofrimento ao paciente. Favorece violentos rompantes, ataques emocionais e frequentemente situações perigosas. Possibilita ao paciente vivenciar suas emoções. A análise do caráter pressupõe o paciente indagar-se sobre sua “maneira de ser” e com sua própria ajuda explorar analiticamente sua origem e significado. É necessário que o paciente passe a sentir o traço de caráter como um corpo estranho e queira modificá-lo. Se apenas interpretamos o impulso do id, deixamos intacto o caráter. Por isso Reich propõe interpretar a *forma* como o paciente traz o material, antes que seu *conteúdo*. “Como se diz as coisas é um ‘material’ tão importante para a interpretação como *o que* diz o paciente” (REICH, 1933, p. 69). Esse é um caminho para a análise do caráter.

Reich propõe uma compreensão metapsicológica da técnica da análise do caráter. Começa comentando o ponto de vista tópico, dizendo que não é suficiente tornar consciente o inconsciente. Do ponto de vista dinâmico também há restrição de resultados, pois a liberação do afeto traz efeito apenas temporário. Sua ênfase é no aspecto econômico: a organização da couraça caracterológica defende a estase libidinal. A energia do conflito ficou ligada à estrutura do caráter, isto é, sustenta a couraça caracterológica, expressão da defesa narcisista. O perigo de perdê-la é ver-se confrontado com seus impulsos agressivos (REICH, 1933, p. 97). A transferência negativa consiste nos impulsos de ódio que o paciente defende com o caráter.

Etchegoyen critica aspectos da técnica de Reich, porém afirma “[...] seu mérito de haver ampliado o alcance da interpretação com base em uma teoria metapsicológica consistente e perdurável, denunciando ao mesmo tempo como não analítica a técnica de usar a sugestão, que é sempre um aspecto da transferência positiva, para vencer as resistências. Creio que, nesse ponto, Reich retifica e também supera a Freud” (ETCHEGOYEN, 1988, p. 217).

O caráter pode ser analisado e modificado. “Depois da cura”, podem persistir os traços de caráter, porém dentro de limites que não prejudicam a capacidade de trabalho ou da gratificação sexual (REICH, 1933, p.139).

O interesse de Reich sempre foi o sexual, talvez diferenciado do psicosssexual, como ele mesmo conta nos seus comentários biográficos. Nesse sentido, diferente do Freud dos anos 1920 – ainda que semelhante ao das neuroses atuais –, Reich entende que só pela gratificação sexual genital pode-se liberar a libido retida. A pré-genitalidade não pode proporcionar o orgasmo. Só a potência orgástica trará uma modificação econômica. O prognóstico é melhor quando foi estabelecida a primazia genital na infância (libido ligada genitalmente) versus ter usado seus genitais no sentido do erotismo oral, anal ou uretral.

Por outro lado, Reich também afirma que a análise da resistência caracterológica conduz ao centro da neurose, ao complexo de Édipo e à angústia de castração (REICH, 1933, p. 97). Superar as resistências caracterológicas não quer dizer que o caráter se modifique; isso só é possível depois da análise de suas fontes infantis.

A compulsão à repetição se baseia na força das necessidades sexuais insatisfeitas e permanece enquanto estiver bloqueado o caminho para a satisfação sexual madura; depende da situação econômica da libido.

Reich apresenta ainda, na Segunda Parte do livro, a descrição de algumas “formas de caráter”. Como já vinha afirmando, a função do caráter será sempre a de construir a couraça caracterológica. No entanto, a forma externa desta tem seus determinantes históricos específicos. Ele descreve as seguintes formas caracterológicas: caráter aristocrático, caráter histérico, caráter compulsivo, caráter fálico-narcisista e caráter masoquista. Demonstra sua técnica através da análise de muitos exemplos clínicos. Encontramos em Lacan, no trabalho “Variantes do tratamento padrão” (LACAN, 1966), esta referência: “[...] W. Reich, em sua

concepção que se tornou clássica na análise, acentua expressamente ter por finalidade fazer o sujeito considerar essa personalidade como um sintoma” (p. 343). E destaca a contribuição específica dos tipos de caráter fálico-narcísico e masoquista: “[...] até então desconhecidos, por serem aparentemente assintomáticos” (LACAN, 1966, p. 344).

EPÍLOGO

“[...] se puede elogiar algo que no se há leído; pero cuando se quiere criticar, hay que leer atentamente.”

Essa é uma citação de Horacio Etchegoyen (1985) das palavras de seu antigo professor de escola. E me parecem muito apropriadas para o que aqui nos propomos.

Ler atentamente os pioneiros da Psicanálise nos coloca a tarefa de vencer algumas barreiras, talvez *couraças* no sentido de se constituírem em defesas ao conhecimento. Perpetuar o já sabido aponta para nosso narcisismo.

Desejo que essa breve contribuição possa abrir espaço à reflexão e, na melhor das hipóteses, ampliar nossas ideias a respeito da clínica psicanalítica.

Wilhelm Reich foi um criador polêmico e, portanto, com uma obra complexa. Sua trajetória no movimento psicanalítico também nos remete às questões do poder institucional e ao medo do diferente. Conhecemos as maneiras como é possível contribuir para a difamação de um colega, através do próprio corpo teórico-clínico que nos referencia. Se Reich foi ou esteve paranoico como o nomearam – e sobre isso eu não sei – é preciso um trabalho de conhecimento e elaboração para poder discernir a importância de suas contribuições. Se não, estaremos jogando fora o bebê junto com a água do banho.

Para além da Psicanálise, Wilhelm Reich, banido pelos psicanalistas e pelos comunistas, manteve uma atitude crítica com relação à sociedade, enfatizando a possibilidade humana de expandir suas potencialidades sem as amarras da repressão sexual. Sua ênfase no fator curativo da sexualidade levou-o, sem que ele pudesse saber, pois já estava morto, ao patamar de ideólogo da chamada “revolução

sexual” nos anos 1960. Este termo, aliás, foi cunhado pelo próprio Reich. Seu livro “*Listen, little man*”, traduzido como “Escuta, Zé Ninguém”, foi considerado referência pelos jovens no Brasil nos anos 1970, por seu cunho político-social.

O tema da sexualidade é considerado *princeps* na Psicanálise, portanto as questões que inquietaram Reich seguem vigentes. Ainda que as mudanças no comportamento sexual, por si, não tenham promovido as transformações socio-políticas que Reich desejava, constata-se um incessante movimento nesse campo, que não pode ser desvinculado das questões do poder.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, K. (1919) Una forma particular de resistencia neurótica contra el método psicoanalítico. In: ABRAHAM, K. **Psicoanálisis Clínico**. Buenos Aires: Hormé, 1959.

_____. “Contribuições à teoria do caráter anal” (1921), “A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido (1925)”. In: _____. **Teoria Psicanalítica da Libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

DANTO, E. A. **Freud's Free Clinics: psychoanalysis & social justice, 1918-1938**. New York: Columbia University, 2005.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. (1972). **O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

ETCHEGOYEN, H. (1987). **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1985). **Los fundamentos da la técnica psicoanalítica**. Buenos Aires: Amorrortu. Disponível em: <<https://psicoanalisisonline.files.wordpress.com/2014/03/40641961-los-fundamentos-de-las-tecnica-psicoanalitica-etchevoyen-horacio.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

FERENCZI, S. (1921). Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise. In: _____ . **Obras Completas. Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. (1924). Perspectivas da psicanálise. In: _____ . **Obras Completas. Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. (1928). O problema do fim da análise. In: _____ . **Obras Completas. Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. In: _____ . **Obras Completas. Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (1930) O tratamento psicanalítico do caráter. In: _____ . **Obras Completas. Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: Sublimação. In: _____ . **Obras psicológicas completas: Fragmento da análise de um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Edição Standard Brasileira, 7).

_____. (1909). Caráter e erotismo anal. In: _____ . **Obras psicológicas completas: 'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. Rio de Janeiro: Imago, c1976. (Edição Standard Brasileira, 9).

_____. (1913). A disposição à neurose obsessiva. In: _____ . **Obras psicológicas completas: o Caso de Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Rio de Janeiro: Imago, c1969. (Edição Standard Brasileira, 12).

_____. (1916). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: _____ . **Obras psicológicas completas: A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, c1975. (Edição Standard Brasileira, 14).

_____. (1918). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: _____ .

Obras psicológicas completas: História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919). Rio de Janeiro: Imago, c1976. (Edição Standard Brasileira, 17).

_____. (1923). O ego e o id. In: _____. **Obras psicológicas completas:** O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, c1976. (Edição Standard Brasileira, 19).

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: _____. **Obras psicológicas completas:** Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, c1975. (Edição Standard Brasileira, 23).

GARCÍA, R. **Psicoanálisis y Sociedad:** apuntes de freudo-marxismo. Contribución al estudio de Wilhelm Reich. Barcelona: Anagrama, 1971.

KLEIN, M. (1927) Simpósio sobre a análise infantil. In: KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. 1921-1945.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1966). Variantes do tratamento padrão. In: LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARCUSE, H. (1955). **Eros e Civilização.** Rio de Janeiro: LTC, 2009.

REICH, Ilse Ollendorff. **Wilhelm Reich: A Personal Biography.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=r_LFbIrSM6wC&pg>. Acesso em: 16 ago. 2016.

REICH, WILHELM (1933). **Análisis del Carácter.** Buenos Aires: Paidós, 2010.

_____. (1945). **A Função do Orgasmo.** São Paulo: Brasiliense, 1978.

ROAZEN, P. **Freud e seus Discípulos. São Paulo: Cultrix, 1978.**

ROSENFELD, H. Narcisismo destrutivo e pulsão de morte. In: Rosenfeld, H. **Impasse e Interpretação.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ROUDINESCO, E., PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO. E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

WIKIPEDIA. **Wilhelm Reich**, 2016. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_Reich>. Acesso em: 20 ago. 2016.